

FLOR VITORIOSA

Caminha pelas ruas de Brasília cheia de sacolas – muitas sacolas – bolsa e mochilas. Impossível não notá-la. “Todo mundo me chama de ambulante porque eu estou sempre com uma porção de malas e sacas...”, diz a entrevistada Mara Régia. É mãe de dois filhos e tem uma neta, mas passa longe do estereótipo clássico de avó. Sua vida como jornalista é quase tão exótica quanto a flor que leva em seu nome, a vitória-régia, símbolo da Amazônia. Despontou como defensora dos direitos da mulher em pleno regime militar e, no início do casamento (hoje é divorciada), trabalhava com artes plásticas. Viveu durante anos no exterior, mas foi com a população amazônica que Mara encontrou sua vocação e sua paz. É carioca de nascença, mas brasiliense desde sempre. “Eu acredito em conspiração, em um destino que é bem traçado. Não sei se é nas estrelas, não sei por onde passa. Mas é impressionante”, comenta. Diferentes caminhos conspiraram para que Mara Régia criasse um programa há 30 anos, o “Viva Maria”, que deixou uma marca e, ainda hoje, é um símbolo de força da mulher brasileira. Em setembro, a radialista comemora três décadas no ar.

Baixinha, elegante e faladeira, Mara tem a poesia da Amazônia em tudo que fala. O jeito doce e direto fez com que ela ganhasse a simpa-

**DONA DE UMA EXTENSA
CARREIRA NO RÁDIO E NA
TV, A JORNALISTA MARA
RÉGIA PERSONIFICA A LUTA
PELOS DIREITOS DAS
MULHERES E O APOIO ÀS
COMUNIDADES AMAZÔNICAS**

**POR PAMELA FORTI
DA REPORTAGEM,
ENVIADA A BRASÍLIA**

tia das comunidades ribeirinhas e chamasse atenção também no âmbito internacional. É por meio do programa “Natureza Viva”, criado em 1993, que Mara Régia chega às mulheres da região, nas manhãs de domingo, pelas ondas da Rádio Nacional da Amazônia – a mesma emissora que a trouxe para o jornalismo, no início da década de 1980. Na época, Mara também falava para a população amazônica, mas com um intuito diferente. A atração surgiu como uma tentativa do

governo brasileiro de conter a propagação de “vozes comunistas” na Amazônia. A princípio, Mara começou nos bastidores, mas logo teve sua oportunidade. “Eu percebi a grande capacidade que ela tinha de traduzir em palavras, emoções, sentimentos, esse tipo de coisa”, conta Antônio Augusto Silva, hoje diretor de jornalismo do SBT Brasília, responsável por levar Mara ao rádio. Antes, ela trabalhava em uma agência de publicidade, mas não se sentia feliz. “Eu comecei a ficar profundamente desiludida. Era assim o ‘Jumbo Eletro’. Então, todo fim de semana tinha que vender saco de arroz... Imagina eu, que vinha desse imaginário londrino, desse mundo surreal...”, pontua Mara, que chegou a se dedicar às artes plásticas quando morou na Inglaterra, de forma que o então marido – engenheiro da área de transportes – pudesse se aperfeiçoar nos estudos. Mais tarde, ele recebeu uma proposta





do governo e o casal se mudou para Brasília, de onde Mara nunca mais saiu.

MULHERES DA FLORESTA

Consciência de gênero é o lema de Mara Régia. Quando fala para as comunidades amazônicas, busca levar informação de primeira necessidade às mulheres de agricultores e de comunidades ribeirinhas em pequenas cidades. Com trilha de canções típicas da região, são debatidos temas como saúde da mulher, diferença entre os sexos e até o papel feminino na questão financeira. Sempre que possível, a jornalista viaja para a Amazônia para entrar em contato com as lideranças locais. Durante quatro anos, entre 1997 e 2000, Mara desenvolveu o projeto “Mulher nas Ondas do Rádio – Corpo e Alma Rompem o Silêncio”, financiado pela Fundação MacArthur e inspirado nas cartas que Mara recebia na rádio, escrita pelas ouvintes da Amazônia, que buscavam alguma orientação da jornalista. Acompanhada de uma ginecologista, Mara percorreu a região levando informação de maneira didática e inclusiva. A principal ferramenta era a realização de oficinas de saúde e oficinas de comunicação, com o apoio das lideranças locais. “A proposta era justamente dar o microfone a essas mulheres da floresta, com o apoio das rádios comunitárias, para elas botarem suas questões mais relevantes no ar”, explica a radialista. Nas visitas às comunidades, Mara percebe o retorno de seu trabalho de conscientização. “Até o meu marido começou a falar mais baixo comigo”, contou, certa vez, uma das participantes.

Ao visitar as comunidades, Mara faz sucesso com um rádio à manivela, doado a ela pela própria Fundação MacArthur. O modelo é inglês e

"A PROPOSTA ERA DAR O MICROFONE A ESSAS MULHERES DA FLORESTA, COM O APOIO DAS RÁDIOS COMUNITÁRIAS, PARA ELAS BOTAREM SUAS QUESTÕES MAIS RELEVANTES NO AR"

permite levar a notícia aos locais aonde a energia elétrica não chega. “Quando eu fiz a promoção do rádio à manivela, chegaram 1.500 cartas, isso considerando que, nas comunidades, não há correio na esquina nem selo”, revela Mara. A experiência com as mulheres da floresta rendeu um manual sobre gênero, assinado por ela e pelas participantes das oficinas nos municípios de Ji-Paraná (Rondônia), Palmas (Tocantins), Altamira (Pará), João Lisboa (Maranhão), Santarém (Acre), entre outros.

Ao longo dos anos no comando desse tipo de trabalho, a jornalista ouviu relatos de estupro, violência e preconceito em regiões onde a infraestrutura é mínima e o acesso, penoso. “Eu mesma já fiquei ao relento num barco durante mais de 15 horas, só vendo jacaré e piranha ao meu lado”, lembra. Para chegar às comunidades ribeirinhas, Mara já passou por boas aventuras e aprendeu a viver com os habitantes locais; aprendeu a respeitar o “horário do rio”, para evitar ser picada por mosquitos (e evitar, assim, a malária) e fez emocionantes voos de monomotor. “Nas comunidades, não há pista de pouso. Na hora em que está descendo, você tem que botar a cabeça pra fora e ir falando pro pessoal: “Tira a galinha, tira a bicicleta””, conta, sem se esquecer do aprendizado que os momentos-limite lhe proporcionaram. “É terrível, isso te confronta com teus medos, tuas angústias. Mas, depois que você passa e sobrevive, te dá maior petulância, mais autoestima”, afirma.

A origem desse ativismo vem de sua infância, marcada pela violência doméstica e pelo alcoolismo. Quando os pais brigavam, a mãe saía muito machucada e acabava perdendo dias de trabalho por conta das marcas deixadas pelo marido em seu corpo. A menina Mara testemu-



nhava o fato e jurava que, quando adulta, trabalharia para reverter esse quadro. O início desse trabalho foi há 30 anos, no programa “Viva Maria”. A oportunidade surgiu após dois comentaristas esportivos terem brigado no ar e serem demitidos, ainda na época da Rádio Nacional. Mara acabava de voltar de licença-maternidade e recebeu o convite para ocupar o horário. O perfil da atração era mais ameno, mas não demorou muito para que Mara começasse a imprimir seu estilo e a difundir ideias feministas. “Ela ajudou a criar uma consciência crítica em Brasília por meio do rádio, uma consciência de gênero muito grande. Ao mesmo tempo, ela sempre se voltou para questões sociais, o meio ambiente, a questão da proteção dos animais... Pelo rádio, ela conseguiu libertar muitos corações e mentes que não estavam ligados a essas questões”, opina Augusto.

No “Viva Maria”, a jornalista falava – e fala até hoje – para as mulheres do Rio de Janeiro, de Brasília e também da Amazônia. Enquanto o “Natureza Viva” fala para as mulheres no contexto amazônico, levando em consideração os costumes da floresta, o “Viva Maria” fala para o público feminino nas cidades. Ambos carregam noções de emancipação e sensibilização para a causa feminina. “Eu falava assim: ‘No dia das mães, pelo amor de Deus, quem der panela de presente pra mãe merece uma greve. Se você ganhar esse presente, cruze os braços e faça greve, porque isso não é presente que se dê a uma mãe. Mãe quer flor, mãe quer perfume, mãe quer maquiagem, um pente, mas não vai dar panela, por que isso é presente pra casa, não é presente pra mãe’”, exemplifica Mara, que, entre outros feitos, participou da mobilização para a implantação da delegacia da Mulher em Brasília.

"ELA TEM UM ESTILO MUITO LEVE, QUE DIALOGA DE FORMA CASUAL, TRANQUILA, EM GERAL MUITO ALEGRE, MUITO CÔMICA. ELA É UMA EXTRAORDINÁRIA COMUNICADORA", DIZ FÁTIMA JORDÃO

OPOSIÇÃO E NOVOS RUMOS

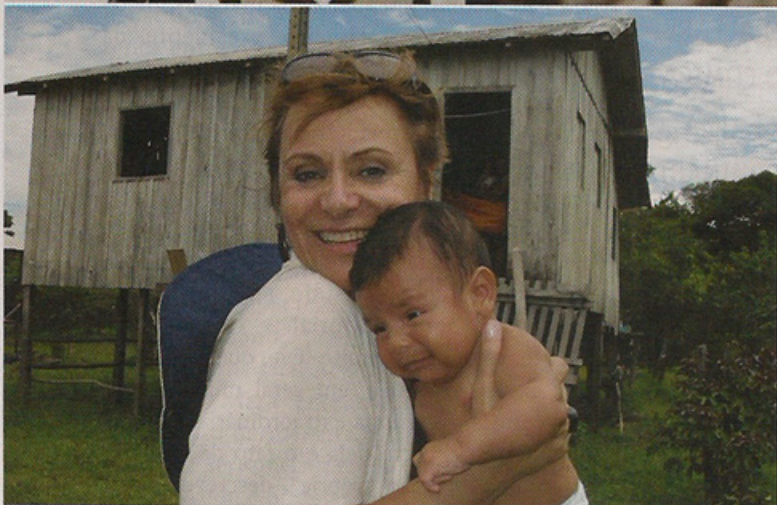
Apesar de ser admirada por muitos, Mara não agradou a todos. Juntamente com seus fãs, arrastou consigo também uma legião de adversários. Na linha de frente, estavam os maridos das ouvintes de seus programas, que faziam fila na porta da rádio para saber quem era a radialista que “botava caraminhola” na cabeça da mulherada. “E eu crente que ia dar autógrafa...”, diverte-se a jornalista. A ideologia de Mara não incomodou apenas os maridos; incomodou também o primeiro presidente da República eleito pelo voto direto no Brasil, Fernando Collor de Mello. Logo que assumiu, em 1990, o então presidente tratou de bani-la da rádio, que, até então, era um veículo estatal. Mara foi identificada como “liderança negativa” e sumariamente demitida por telegrama. Hoje, a Rádio Nacional é considerada um veículo público, com subsídio governamental, mas com autonomia editorial.

“Ela tem um estilo muito leve, que dialoga de forma casual, tranquila, em geral muito alegre, muito cômica. Ela é uma extraordinária comunicadora. Outro aspecto dela é o fato de ela fazer isso sozinha, de mão própria”, descreve Fátima Jordão, socióloga e conselheira do instituto Patrícia Galvão de Comunicação. E ela justifica: “Está sempre num domínio sozinha, ela não frequenta partido, não forma grupos políticos, ONGs”.

No entanto, não foi isso que o governo entendeu. Mara Régia ficou oficialmente banida do Sistema Radiobrás até 2009, quando foi anistiada de fato, embora tenha voltado para a rádio em 1993, por meio de um projeto da WWF (World Wildlife Fund, Fundo Mundial para a Natureza, em português). Nesse ínterim, Mara continuou com suas atividades e partici-



FACETAS
ATUANDO EM SEU VEÍCULO
PREFERIDO; ABAIXO, VESTIDA
DE MULHER MARAVILHA NO
FESTIVAL "PISCINA SHOW," E
NA REGIÃO AMAZÔNICA
DURANTE SUAS ANDANÇAS



Fotos: Arquivo Pessoal

pou da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, a ECO-92, no Rio de Janeiro. Por conta disso, começou a produzir e apresentar um programa semanal sobre a Agenda 21, na FM Cultura. Passou por diversas rádios e realizou uma série de projetos sociais por meio das ondas radiofônicas. Foi também consultora do Ministério da Saúde para análise e avaliação do Projeto Saúde no Ar, que envolveu a produção de 48 programas voltados para as populações carentes das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste.

O currículo da jornalista é extenso e passa por muitas rádios e também emissoras de TV. Foi âncora do "Jornal da Cidade", no SBT; editora sênior no "Bom Dia Brasil", da Rede Globo; produtora executiva na rede Manchete, âncora e editora-chefe na Band, apresentadora na TVE e no canal Futura. "Mas você acha importante falar disso?", pergunta Mara à reportagem, referindo-se à passagem pela televisão, pela qual mostra pouco entusiasmo, ao contrário do que acontece quando o assunto é rádio. "Porque rádio é coração, é ouvido, é sentido. TV não; é o olho. Eu acho que a TV é mais fria, analítica. O olho é a praga da vida, o olho é quem julga, o olho é que quer saber se é feio ou se é bonito", analisa apaixonadamente.

O pioneirismo de Mara não se manifesta apenas na luta pelo direito da mulher, ela é também uma ativista do uso do rádio como meio de democratização. Para a radialista – ou "comunicadora popular", como se descreve –, o rádio ainda deve ser o meio de comunicação de maior preponderância no Brasil, dado seu alcance e sua versatilidade, já que exige infraestrutura mínima. "É como no sonho de Roquete Pinto. Ele queria que o rádio fosse o livro dos que não sabem ler... Eu acho fantástica essa possibilidade", afirma, frisando a abrangência e a importância do rádio nas comunidades pouco escolarizadas.

Mara Régia esbanja vivacidade e deixa claro que são poucas as coisas capazes de tirar sua disposição. Não foram as formigas jiquitaias da Amazônia – "elas são vulcânicas, e causam uma dor incrível, ela queima" – nem foi o ex-presidente. Mara faz parte de um novo tipo de liderança que aos poucos desponta pela América Latina, apta a promover o ideal democrático mesmo sem estar vinculada a nenhuma organização tradicional. É nesse reduto que está a esperança mais viva, para além da Amazônia, para além das mulheres e para além do jornalismo. ■